

OS USOS DE *DE REPENTE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Adriano Oliveira Santos (UFF)
adrianolisan@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Propomos, neste trabalho, uma discussão sobre os valores semântico-discursivos e, conseqüentemente, morfossintáticos, de uma expressão típica do português brasileiro: “*de repente*”. A nossa proposta de discussão começa pelos princípios teóricos das gramáticas prescritiva, descritiva e histórica, passando por alguns dicionários de linguística, ortografia e etimologia somados a texto avulsos colhidos da internet. Como base teórica para as nossas análises, utilizamo-nos dos princípios teóricos da Linguística Funcional norte-americana.

Temos como objetivo uma discussão que proporcione uma visão mais geral dos fenômenos de mudança por que vem passando o item analisado, ou seja, de sua função prototípica de advérbio de modo e dúvida a outras funções no discurso, como a de conjunção conclusiva, a de possível marcador temporal e assim por diante, além de outros aspectos relativos à mudança, como a sua posição na ordem da cláusula etc. Para isso, consideramos como problemas, a serem discutidos, as seguintes questões: a) que fenômeno é esse que está ocorrendo? b) como está ocorrendo? c) é recente?

As únicas hipóteses, que até então sustentamos, são as de que, com base nos estudos funcionalistas, as mudanças apontam para um processo de gramaticalização em “*de repente*”; o fenômeno se evidencia em textos escritos e orais, de diversos gêneros e tipos, porém privilegiando algumas características desses textos; numa perspectiva pancrônica, os dados coletados, que somam um total de 69 ocorrências, extraídos de discursos antigos e atuais, apontam para a modernidade do fenômeno.

Consideramos esta investigação relevante, pois pensamos que este estudo pode cooperar para a descrição de alguns fatos do português do Brasil e, evidentemente, para o desenvolvimento de uma prática pedagógica atenta aos usos das formas linguísticas, usos ex-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

traídos das interações humanas, em diferentes contextos de comunicação – formal e informal – e em diferentes práticas – escrita e oral – sob a variedade dos gêneros discursivos e sob as distintas formas de composição desses gêneros (narração, descrição, argumentação etc.).

1. Advérbio e locuções adverbiais: aspectos teóricos

O que atualmente encontramos, em termos de definição e classificação são ecos de alguns dos princípios da filosofia grega, com poucas variações entre uma abordagem e outra.

Todas reconhecem o advérbio como uma expressão de modificação ou circunstância. Além disso, com base na Nomenclatura Gramatical Brasileira acrescentam às definições as subclasses ou tipos de advérbio em que as palavras se agrupam conforme a circunstância que expressam. Desse modo, os advérbios estão organizados em subclasses como: dúvida, modo, tempo, intensidade, afirmação, negação etc.

A gramática tradicional ainda reconhece algumas formas compostas expressando circunstâncias. Normalmente essas formas, chamadas de “locuções adverbiais”, são constituídas de preposição com um substantivo, adjetivo ou advérbio (*de pressa, às vezes, de medo, pela manha, por milagre, de novo, por aqui etc.*) e são classificadas tais como os advérbios: afirmação, negação, dúvida, intensidade, tempo, modo etc. É no grupo das locuções que encontramos a construção *de repente*, porém, conforme veremos na sequência, sem uma classificação mais definida.

Outro aspecto importante, que a gramática tradicional normalmente trata, diz respeito à colocação ou ao emprego dos itens gramaticais na frase. Com relação aos advérbios ou locuções adverbiais, encontramos, dentre as principais gramáticas prescritivas, apenas na de Cunha e Cintra (2001) alguns comentários sobre a posição desses elementos na sentença:

Advérbio de modo	Advérbio de tempo e lugar
Dos <i>advérbios</i> que modificam	Os de <i>tempo</i> e <i>lugar</i> podem

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

o verbo, os de modo colocam-se depois dele: <i>A mãe e a irmã choravam tristemente...</i>	colocar-se antes ou depois do verbo: <i>De manhã, acordei cedo.</i>
---	---

Cunha e Cintra (2001) ainda destacam que *Os advérbios que modificam um adjetivo, um particípio isolado ou outro advérbio colocam-se de regra antes destes*, como os exemplos:

- (1) *Por que me escondeu um segredo tão grande?*
- (2) *Muito apressado, num visível nervosismo, veio de casa até ali.*

Para concluir, do ponto de vista histórico, muitos advérbios da língua portuguesa derivaram-se do latim, como *tarde* > *tarde*, *bene* > *bem*, *male* > *mal*. Alguns, inclusive, vieram de antigas locuções adverbiais do latim vulgar, como *ad sic* > *assi* (arc.), *assim* (forma atual). Com isso, notamos que o uso de locuções adverbiais não é uma prática exclusiva das línguas românicas, como o português, mas que remonta ao latim.

1.1. A locução adverbial “de repente”

Examinando as gramáticas tradicionais, notamos que apenas Rocha Lima (2005) lista “*de repente*” no conjunto das locuções adverbiais, porém não apresenta classificação morfológica, nem comenta o seu valor semântico, tampouco sua função sintática.

Said Ali (1964), em sua “*Gramática Histórica da Língua Portuguesa*”, comentando a formação de algumas locuções adverbiais originadas da combinação de preposição com advérbio, lista, como exemplo, “*de repente*” sem classificá-la. No entanto, sob olhar da história, Coutinho (1977), ao tratar das locuções adverbiais que se desenvolveram na língua portuguesa, enumera uma série de expressões que considera como locuções adverbiais de modo, citando, dentre elas, “*de repente*”.

Diferentemente das gramáticas, os dicionários se preocuparam em descrever os usos de “*de repente*”, considerando, como é de praxe, o *sema* e a classe morfológica. Os dicionários admitem ser uma expressão de circunstância. Ferreira (1999) aproxima a locução da classe dos advérbios de modo, enquanto Houaiss (2001) acrescen-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ta a circunstância de dúvida à mesma locução. Até então, portanto, duas funções assumem a locução adverbial “*de repente*”, num dado texto, a de expressão de modo e a de dúvida.

Todavia, num breve exame realizado pela internet, descobrimos alguns comentários acerca de “*de repente*” um tanto curiosos, como o da enciclopédia virtual *Wikipédia*:

De repente é uma expressão idiomática ou expressão popular temporal da língua portuguesa que caracteriza algo que acontece inesperadamente ou então de forma brusca e veloz. (Grifo nosso).

Chama-nos atenção o fato de terem considerado “*de repente*” não como uma expressão modal, mas temporal “*é uma expressão idiomática ou expressão popular temporal*”. Sem levarmos em consideração a fonte em que foi extraído o comentário, queremos dizer, os créditos, a importância ou a confiabilidade, é interessante notar que alguém, provavelmente um falante nativo, já tenha atentado para outros valores de “*de repente*” que não sejam o de circunstância de modo ou dúvida, o que caberá, logicamente, na análise dos dados, uma discussão.

2. Fundamentação teórica

2.1. Gramaticalização

Compreende-se a gramaticalização como um processo pelo qual um item lexical ou uma construção passa a desempenhar um novo papel como item gramatical (Exemplo: de verbo pleno a auxiliar) – gramaticalização *stricto sensu* – ou quando itens gramaticais se fazem mais gramaticais (Exemplo: de forma gramatical livre a morfema preso), significa dizer que o item passa a se tornar mais previsível e se fixa em uma sentença – gramaticalização *lato sensu*. O item migra de uma categoria a outra, competindo com formas já existentes. Esse mesmo item pode, com o processo de gramaticalização, sujeitar-se a mudanças sintáticas (recategorização), semânticas e fonológicas.

Furtado da Cunha *et al* (2003) ainda recordam que as discussões acerca da origem e do desenvolvimento das categorias gramaticais já eram comuns a partir do século XIX com base em estudos di-

acrônicos e comparados. No entanto, com os estudos da trajetória de mudança linguística, sob a perspectiva funcional, o fenômeno da gramaticalização passou a ser compreendido como a regularização do uso da língua que ocorre com a criação de expressões novas e de rearranjos vocabulares realizados pelo falante para fins comunicativos. Com a repetição de certas formas ou construção, o que era casuístico se converte numa forma fixa – normal e regular – isto é, gramaticaliza-se. Observa-se a *regularidade* de uso de um item ou construção quando as estratégias discursivas aplicadas pelo falante perdem a maleabilidade ou a criatividade do discurso e começam a ser restringidas gramaticalmente, passando do discurso para a gramática. Do mesmo modo, quando determinado fenômeno que estava na gramática passa a ter comportamentos não previsíveis, em termos de regras selecionadas, podemos dizer que sai da gramática e retorna ao discurso.

2.2. O ciclo funcional de Givón

Muitos autores funcionalistas compreendem a gramaticalização como um processo de motivação pragmático-discursiva, concebendo, dessa forma, que ela se dá por etapas ou estágios. Uma dos meios encontrados para representar esse processo está no ciclo funcional de Givón. O esquema busca representar como seria essa fase de regularização, *diacronicamente* falando, do uso da língua: *discurso* > *sintaxe* > *morfologia* > *morfologia* > *zero*. De acordo com esse postulado, itens lexicais ou construções, ainda utilizados casualmente, ou seja, sem previsibilidade ou sem estarem fixados, graças à repetição, têm seu uso mais regularizado e previsível, “*resultando numa nova construção sintática com características morfológicas especiais*” (*op. cit.*). O item ou a construção se cristaliza morfológicamente perdendo sua variabilidade sintagmática, pois sua ordem torna-se rígida, não cabendo, a partir desse estágio, inversão ou intercalação de elementos. A frequência de uso pode, ainda, possibilitar outros estágios como a alteração fonológica – erosão. Alguns afirmam, inclusive, que pode chegar a desaparecer (zero). Quando um item passa por esses processos, outro item pode ser selecionado para ocupar a forma que desapareceu, reiniciando o ciclo.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Conforme apontam os teóricos funcionalistas a gramaticalização segue a uma trajetória unidirecional de mudança, passando do concreto ao abstrato. Assim, conceitos gramaticais, que são mais abstratos, emergem das experiências humanas com o mundo concreto. A proposta de alguns autores (TRAUGOTT e HEINE, 1991 *apud* FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2003) é a de que existe uma escala para representar o processo de “*abstratização*” gradativa na trajetória de gramaticalização de um item: *espaço* > (*tempo*) > texto. Nem sempre os *clines* se dão no decorrer dessas três etapas. O processo pode ocorrer entre duas etapas desse estágio, como o espaço e o texto, sem necessariamente passar pelo tempo. O mais importante é observarmos o processo de abstratização.

3. Questões metodológicas

Para constituição dos *corpora* de nossa investigação, reunimos textos de diversos gêneros e tipos. Os dados foram obtidos do *corpus* “D&G” de textos escritos e orais, de estudantes universitários de três cidades brasileiras: Juiz de Fora, Rio de Janeiro e Natal. Todos falantes do português brasileiro e de ambos os sexos.

Outras fontes serviram para extração de dados. Observamos algumas ocorrências em textos mais antigos, como os do Romantismo, na obra de José de Alencar – “Senhora” – e em textos mais recentes, como um artigo teológico encontrado numa das incursões feitas pela internet. Selecionamos esses textos por conterem dados que nos permitem confrontar com os obtidos por meio do “D&G”, principalmente, os da literatura, por fazerem um recorte de outra época do cenário linguístico brasileiro.

Os gêneros textuais basicamente encontrados para a pesquisa são: relato de opinião, relato de procedimento, descrição de local, artigo de opinião, prosa romântica e narrativas de experiência pessoal. As sequências tipológicas mais frequentes descobertas nesses textos foram: narração, argumentação e descrição, com algumas passagens injuntivas – mais presentes no relato de procedimento – expositivas e dialogais.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

3.1. Apresentação dos dados

A análise é, sobretudo, qualitativa, embora tenhamos utilizado a quantificação em alguns momentos, a partir de quadros demonstrativos. Os dados coletados para a pesquisa estão organizados em tabelas conforme os respectivos textos em que aparecem e distribuídos em colunas conforme a classe morfológica a que expressão “*de repente*” nos pareceu pertencer, após verificarmos o seu sentido, comparando com elementos de circunstância de modo e de dúvida, num dado contexto, utilizando como critério, as classificações prototípicas (de locução adverbial de modo e de dúvida) já apresentadas no capítulo (2) – *Advérbios e locuções adverbiais*. Deixaremos para o capítulo precedente, na análise dos dados, as discussões acerca de outras possíveis funções, como a de circunstância de tempo ou a de operador argumentativo.

No gênero “*narrativa de experiência pessoal*” a ocorrência de “*de repente*” como locução adverbial de modo é mais frequente na oralidade. Quanto ao uso como locução adverbial de dúvida, apenas em narrativas orais encontramos algumas ocorrências, quando, normalmente, o narrador passa da narração à argumentação, ou seja, ao introduzir alguma explicação, normalmente pequena, ou ao emitir algum juízo etc.

Dos 69 dados encontrados, houve maior incidência de “*de repente*” como circunstância de modo em textos narrativos que em textos argumentativos e expositivos. Quanto ao total, notamos a predominância de ocorrências de “*de repente*”, como locução adverbial de modo, atingindo mais da metade ao que corresponde o total das ocorrências de “*de repente*” como circunstância de dúvida.

Os dados distribuídos por gêneros aparecem conforme a tabela abaixo:

Gênero textual	Locução adverbial de modo	Locução adverbial de dúvida	Total de dados
Narrativas orais	21	2	23
Narrativas escritas	6	0	6

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Relatos de opinião (oral)	3	12	15
Relatos de procedimento (oral)	0	3	3
Descrição de local (oral)	0	1	1
Artigo teológico (escrito)	0	3	3
Obra literária (Romantis-mo) com passagens mais narrativas (escrito)	18	0	18
Total	48	21	69

Tantos as narrativas orais, quanto às escritas parecem ser, portanto, os discursos em que a expressão investigada se apresenta com mais insistência. Os relatos e os artigos, pelo que notamos, são os textos prediletos para a sua manifestação como locução adverbial de dúvida.

4. Os usos de “de repente” (análise dos corpora)

Após verificarmos a grande incidência da locução “*de repente*” em textos narrativos ou com passagens narrativas, procuramos, em seguida, observar a posição dessa locução e suas relações semântico-discursivas nas cláusulas que compõem textos dessa tipologia. De acordo com Cunha e Cintra (2001), a posição do advérbio de modo é no final oração, ou seja, numa posição pós-verbal, conforme o exemplo dado: *A mãe e a irmã choravam tristemente...* Observamos, no entanto, que a posição da locução modal “*de repente*”, em textos narrativos, orais e escritos, do *corpus* “D&G”, aparece apenas uma vez em posição pós-verbal:

(1) Eu não podia fazer uma cara feia pra ninguém que... minha mãe me batia... aí aconteceu **de repente**... ch... um pessoal daqui mesmo do

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Rio... me chamar pra mim/ me cham/ me convidou pra mim... vir trabalhar com...

Em todas as outras ocorrências, está posposto ao verbo da oração, com no exemplo a seguir:

(2) namorada antiga... tá? a fim dele e tudo... mas sendo que ele escolheu foi a minha pessoa... né? aí... **de repente** eu cheguei do trabalho... eu passei na casa dele... dei uma passadinha lá pra ver...

A mesma posição pré-verbal acontece, também, em todas as ocorrências como locução de dúvida, em textos de relato de opinião, de procedimento, de descrição de local e no artigo teológico. Parece-nos, com base nessas evidências, que essa locução escopa o verbo numa posição pré e não pós-verbal, como aponta a gramática tradicional. Todavia, ao procedermos à análise das ocorrências levantadas na obra literária “*Senhora*” (Jose de Alencar), notamos algo interessante: dos dezoito dados encontrados, apenas 7 aparecem em posição pré-verbal, enquanto onze aparecem em posição pós-verbal. Como se trata de um texto clássico da nossa literatura, escrito em uma época distante e com outras características, é comum que a posição prototípica, de acordo com a gramática tradicional, ocorra com mais frequência. Nessa comparação, percebemos, portanto, uma mudança quanto à ordem dessa conjunção na oração. Além do aspecto da colocação, uma hipótese que levantamos, porém precisa ser mais estudada, é a de que, inicialmente, a expressão tenha surgido para expressar circunstância de modo e que, posteriormente, migrou para outras subcategorias como a de dúvida, em textos de caráter argumentativo ou expositivo, como a de tempo, além de assumir outras nuances como a de operador argumentativo, que é uma característica, com base em dados recentes.

Quanto aos valores semântico-discursivos de “*de repente*”, parecem-nos insuficientes as classificações reconhecidas pelas gramáticas e dicionários e os valores dessa locução no interior de uma cláusula. No exemplo seguinte, o locutor está narrando uma série de acontecimentos, com todos os verbos no passado, dentro de uma sequência temporal, em que a ordem das ações está ligada à realização dos fatos (“cheguei”, “passei”, “dei uma passadinha”...). A locução “*de repente*”, após a pausa, dá continuidade ao turno, porém não dando continuidade à explicação anterior, mas abrindo toda a sequência:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

(3) namorada antiga... tá? a fim dele e tudo... mas sendo que ele escolheu foi a minha pessoa... né? aí... **de repente** eu cheguei do trabalho... eu passei na casa dele... dei uma passadinha lá pra ver...

Por ser discurso narrativo e uma passagem, também, narrativa, a questão do tempo é muito pertinente. Nesse caso, “*de repente*” está mais próximo de “*quando*” que de “*repentinamente*” ou “*inesperadamente*” ou “*de súbito*”, conforme notamos ao reescrever a sentença:

(4a) *ai... quando eu cheguei do trabalho... eu passei na casa dele... dei uma passadinha...*

(4b) *ai... repentinamente/inesperadamente/de súbito eu cheguei do trabalho... eu passei na casa dele... dei uma passadinha...*

Dos dados encontrados, um nos chamou a atenção: o uso de “*de repente*” após o verbo, em texto narrativo, como uma conjunção integrante:

(5) I: bom... quando eu morava no Norte... junto com meus pais... eu... sofria muito... trabalhava na casa dos outros... e... apanhava muito dos meus pais... principalmente da minha mãe... qualquer coisa que eu fazia... eu... apanhava da minha mãe... eu não podia fazer uma cara feia pra ninguém que... minha mãe me batia... aí aconteceu **de repente**... eh... um pessoal daqui mesmo do Rio... me chamar pra mim/ me cham/ me convidou pra mim... vir trabalhar com...

Nas classificações tradicionais, dentro do contexto, consideramos o papel desse item como uma locução adverbial de modo, desempenhando, sintaticamente, a função de adjunto adverbial de modo. Não obstante, temos a impressão de que tal classificação é inviável, pois as noções de tempo, modo e dúvida não se encaixam ao permutar esse item por formas, semanticamente, equivalentes, como “*inesperadamente*”, “*talvez*”, “*quando*”, o que não ocorre quando, em seu lugar, aparece um conector como “*que*”.

(6b) ... aí aconteceu **que... eh...** um pessoal daqui mesmo do Rio... me chamar pra mim/ me cham/ me convidou pra mim... vir trabalhar com...

Não encontramos ocorrências de “*de repente*” abrindo turno. Mas, encabeçando o período, em textos, em sua maioria escritos e narrativos, ligando partes da narrativa, isto é, marcando continuidade, como em (7):

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

(7) A moça inventou um pretexto qualquer para uma carta urgente e mandou buscar o tinteiro. *De repente* voltou-se para o moço e pediu-lhe que escrevesse um recado a certa loja.

Assim, nessas poucas análises, concluímos a versatilidade desse item no português brasileiro na criatividade do discurso e nas estratégias empregadas pelos falantes em variadas esferas da comunicação: do discurso informal, espontâneo e diário ao mais elaborado.

5. Considerações finais

Provavelmente, esse item, conforme demonstramos, pelo seu valor polissêmico, esteja em processo de gramaticalização, não só por migrar de uma subcategoria à outra, como a de locução adverbial de modo para locução adverbial de dúvida e tempo, mas de uma classe a outra – do grupo dos advérbios ao das conjunções e a dos marcadores, possivelmente. Pela pancronia, percebemos que já há indícios de sua fixação em posição pré-verbal em textos atuais, diferentemente de épocas anteriores, contrariando a abordagem da gramática normativa, o que, de certo modo, poderia confirmar a hipótese de esse item ter começado a gramaticalizar-se.

Se, de fato estamos tratando de um elemento em gramaticalização, temos de reconhecer, pelo princípio da “*estratificação*”, que “*de repente*” forma parte das novas camadas que compõem o quadro das conjunções conclusivas e das circunstâncias de dúvida e tempo, mas figurando ainda, de acordo com o princípio da “*divergência*”, em muitos contextos, como locução adverbial de modo. Além disso, temos de concordar, pelo princípio da “*especialização*”, que os usos dessa expressão vêm ganhando mais espaço em textos de opinião, como advérbio de dúvida, sendo escolhido para ocupar o lugar de formas mais prototípicas, como “*talvez*”, “*quem sabe*” etc., contudo, mantendo traços de sua história lexical, isto é, não se flexionando, tal como sua forma original de locução adverbial modal, demonstrando a atuação do princípio da “*persistência*”. O que precisaríamos estudar com mais profundidade, como está (ou se está) atuando o princípio da “*descategorização*” para que nossa hipótese esteja mais plenamente confirmada.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Os usos de “*de repente*” parecem ilustrar como, no cenário linguístico brasileiro, algumas formas tem apresentado grande quantidade de funções no discurso, ou seja, diferentes conteúdos expressos por um mesmo signo linguístico e vice-versa. Ao mesmo tempo, corroboram algumas teorias, como a da iconicidade, da gramaticalização, o percurso unidirecional etc. empenhadas em descortinar os mecanismos da linguagem.

No tocante ao ensino, os resultados desta pesquisa podem favorecer a uma prática pedagógica que contemple a variedade e a mudança linguísticas, os estudos de linguagem com base em textos de gêneros diversos e de situações reais de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Senhora*. Rio de Janeiro: Ciranda Cultural, [s.d.].

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FURTADO DA CUNHA, M. A. *et al. Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: objetiva, 2001.

LINS, P. A. *De repente, o vazio! E agora?* Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/10841/1/de-repente-o-vazio-e-agora/paginal.html>>. Acesso em: 30 dez. 2008.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 44. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

SILVA, R. Mecanismos alternativos de superlativação. In: CUNHA, M. A. (Org.). *Procedimentos discursivos na fala de Natal*. Natal: Edufrn, 2000.